



UM  
ENCONTRO  
NADA  
ROMÂNTICO

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY

MEGHAN  
QUINN



UM  
ENCONTRO  
NADA  
ROMÂNTICO

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY

MEGHAN  
QUINN

Copyright © 2021. A NOT SO MEET CUTE by Meghan Quinn

Direitos autorais de tradução © 2022 Editora Charme.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópias, gravação ou outros métodos mecânicos ou eletrônicos, sem a permissão prévia por escrito da editora, exceto no caso de breves citações consubstanciadas em resenhas críticas e outros usos não comerciais permitido pela lei de direitos autorais.

Este livro é um trabalho de ficção.

Todos os nomes, personagens, locais e incidentes são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais, coisas, vivas ou mortas, locais ou eventos é mera coincidência.

1ª Impressão 2022

Produção Editorial - Editora Charme

Capa - Letitia Hasser com RBA Designs

Ilustrações - Gerard Soratorio

Adaptação de capa e Produção Gráfica - Verônica Góes

Tradução - Laís Medeiros

Revisão - Equipe Charme

Esta obra foi negociada por Brower Literary & Management.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR

Bibliotecária: Priscila Gomes Cruz CRB-8/8207

Q7u Quinn, Meghan

Um encontro nada romântico / Meghan Quinn;

Tradução: Laís Medeiros; Produção editorial: Editora Charme;

Revisão: Equipe Charme; Ilustrações: Gerard Soratorio.

Adaptação de capa e produção gráfica: Verônica Góes;

– Campinas, SP: Editora Charme, 2022.

472 p. il.

Título original A not so meet cute.

ISBN: 978-65-5933-089-8

1. Ficção norte-americana | 2. Romance Estrangeiro -

I. Quinn, Meghan. II. Medeiros, Laís. III. Editora Charme.

IV Equipe Charme. V. Góes, Verônica. VI. Soratorio, Gerard. VII. Título.

CDD - 813

Editora  
**Charme**



**UM  
ENCONTRO  
NADA  
ROMÂNTICO**

*TRADUÇÃO: LAIS MEDEIROS*

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY



**MEGHAN  
QUINN**



— Oi, garota.

Hum, não estou gostando da alegria em sua voz.

O sorrisinho em seus lábios.

O cheiro enjoativo de seu perfume intoxicante e sufocante usado em excesso.

— Oi, Angela — cumprimento com um tremor cauteloso ao sentar-me à mesa de seu escritório.

Jogando seus cabelos loiros e brilhantes para trás, ela junta as mãos, sua linguagem corporal transmitindo interesse conforme ela se inclina para frente e pergunta:

— Como você está?

Passo as mãos sobre minha saia-lápis vermelho-vivo e respondo:

— Estou bem. Obrigada.

— Que maravilha ouvir isso. — Ela se recosta e sorri para mim, mas não diz mais nada.

Ok... que merda está acontecendo?

Viro o rosto um pouco para trás e olho rapidamente para a fila de homens de terno sentados com as costas perfeitamente retas e pastas no colo, fitando nossa interação. Conheço Angela desde o Ensino Fundamental. Tínhamos aquele tipo de amizade com idas e vindas, na qual eu era a vítima dessa

camaradagem intermitente. Em um dia, eu era sua melhor amiga, e no seguinte, era Blair, que trabalha no setor financeiro, ou Lauren, que trabalha no setor de vendas, e depois disso, o posto voltava para mim. Éramos constantemente trocadas. Quem é a melhor amiga da semana? Eu sempre me perguntava isso, e de um jeito louco e doentio, sentia uma pontada de empolgação quando o cartão de melhor amiga vinha para as minhas mãos.

Você deve estar se perguntando: por que continuar presa a uma amizade tão tóxica? A resposta tem três partes.

Um: quando conheci Angela, eu era jovem. Não fazia ideia do que fazer durante uma época tão agitada quanto uma montanha-russa. Simplesmente me agarrei aos suportes e me segurei como se minha vida dependesse disso, porque, francamente, estar com Angela era empolgante. Diferente. Ousado, às vezes.

Dois: quando ela era legal comigo, quando estávamos em um nível profundo da nossa amizade, tive os melhores momentos da minha vida. Crescer em Beverly Hills como a garota pobre não me proporcionava muitas aventuras, mas com a amiga rica que não se importava com a sua carteira vazia e te dava boas-vindas ao mundo dela... é, era divertido. Pode me chamar de fútil, mas eu me diverti durante o Ensino Médio, apesar dos altos e baixos.

Três: eu sou fraca. Tenho um medo do caramba de confrontos e os evito a todo custo, conseqüentemente — é, pois é, eu mesma —, aqui estou eu, um capacho ao seu dispor.

— Angela? — sussurro.

— Hum? — Ela sorri para mim.

— Posso saber por que você me chamou aqui e por que o FBI parece estar fazendo fila atrás de mim?

Angela joga a cabeça para trás e solta uma risada calorosa ao pousar a mão na minha.

— Ah, Lottie. Deus, vou sentir falta do seu humor.

— Sentir falta? — pergunto, minha espinha enrijecendo. — Como assim, vai *sentir falta*? Você vai sair de férias?

*Por favor, que seja isso. Por favor, que seja isso.* Não tenho condições de perder esse emprego.

— Vou.

*Ai, graças a Deus.*

— Ken e eu vamos para Bora Bora. Tenho uma sessão de bronzamento

artificial marcada para daqui a dez minutos, então precisamos acabar logo com isso.

Como é que é?

— Acabar logo com o quê?

A expressão em seu rosto jovial se transforma em algo mais sério, o tipo de seriedade que não vejo com frequência em Angela. Porque, sim, ela pode ser a dona de um blog de estilo de vida, mas não é ela que faz o trabalho — a equipe é que faz. Então, ela nunca precisa ficar tão séria.

Ela endireita as costas, sua mandíbula fica tensa, e olhando-me por baixo de seus cílios falsos e grossos, diz:

— Lottie, você foi fundamental no início do Angeloop. A sua maestria em teclado de computador sempre foi incomparável a qualquer pessoa nessa empresa, e o humor que você traz a esse blog de estilo de vida em ascensão, que me dá rios de dinheiro, fez com que essa viagem para Bora Bora se tornasse realidade.

Eu ouvi isso direito? Por minha causa, ela pode sair de férias?

— Mas, infelizmente, teremos que deixá-la ir.



— Mas, infelizmente, teremos que deixá-la ir.

Calma aí... o quê?

Me deixar ir?

Tipo, nada mais de emprego para mim?

Como um relâmpago, três homens se aproximam por trás de mim, dois deles se posicionando em cada lado do meu corpo, flanqueando-me como seguranças. Com seus ombros pesados me bloqueando, um deles coloca uma pasta diante de mim sobre a mesa e a abre, revelando um pedaço de papel. Meus olhos estão desfocados demais para ao menos considerarem ler o que

está escrito, mas se posso dar um palpite, acho que é uma carta de demissão.

— Assine aqui. — O homem estende uma caneta para mim.

— Como é que é? — Afasto a mão do homem, mas ela volta ao mesmo lugar logo em seguida. — Você está me demitindo?

Angela se encolhe.

— Lottie, por favor, não faça uma cena. Você deve saber o quanto isso é difícil para mim. — Ela estala dois dedos e uma assistente aparece magicamente. Angela massageia a garganta e diz: — Essa conversa realmente exigiu muito de mim. Água, por favor. Temperatura ambiente. Limão e lima, mas tire as rodela do copo antes de me entregar. — E assim, a assistente desaparece. Quando Angela se vira novamente, me olha e coloca a mão no peito. — Oh, você ainda está aqui.

Hã...

Sim.

Piscando algumas vezes, pergunto:

— Angela, o que está acontecendo? Você acabou de dizer que te faço ganhar rios de dinheiro...

— Eu disse? Não me lembro de fazer tal afirmação. Rapazes, eu disse alguma coisa desse tipo?

Todos eles balançam a cabeça negativamente.

— Viu? Eu não disse isso.

Eu acho que... sim, aham, está sentindo esse cheiro? É o meu cérebro fritando, girando além da conta, tentando não SURTAR!

Calmamente — repito, calmamente —, indago:

— Angela, você pode, por favor, me explicar por que está me demitindo?

— Oh. — Ela ri. — Você sempre foi tão curiosinha. — A assistente traz a água e depois sai dali com pressa. Sugando por um canudo desnecessário, Angela toma um longo gole e então diz: — O seu aniversário de um ano é na sexta-feira.

— Sim. Está correto.

— Bem, no seu contrato diz que, após um ano, você não vai mais receber um pagamento restrito e terá que receber, a partir de então, o valor integral do seu salário. — Ela dá de ombros. — Por que pagar mais a você quando posso encontrar alguém para fazer o seu trabalho por menos dinheiro? É só uma questão de pensar bem. Você entende.

— Não, eu não entendo. — Meu tom de voz aumenta, e duas mãos enormes pousam em meus ombros em um sinal de alerta.

Ah, pelo amor de Deus.

— Angela, essa é a minha vida, não é um jogo qualquer com que você pode brincar. Você me disse quando me implorou para trabalhar aqui que esse emprego seria transformador.

— E não foi? — Ela estende os braços e gesticula em volta. — Angeloop é transformador para todos. — Ela olha para o relógio. — Oh, tenho que ficar nua em cinco minutos. Bronzeamentos artificiais não esperam. — Ela gira o dedo para os homens atrás de mim. — Podem encerrar, rapazes.

Dois pares de mãos me seguram e me ajudam a levantar da cadeira.

— Você não pode estar falando sério — rebato, ainda sem compreender direito o que está acontecendo. — Você está mandando os seguranças me arrastarem para fora do seu escritório?

— Não por escolha minha — Angela diz, a imagem da inocência. — A sua atitude hostil está me fazendo usar os seguranças.

— Hostil? Estou sendo hostil porque você está me demitindo sem motivo algum.

— Oh, querida, não acredito que é assim que você vê isso — ela fala com sua voz condescendente. — Não é nada pessoal. Você sabe que eu te amo e ainda pretendo convidá-la para o brunch mensal. Isso são apenas negócios. — Ela me sopra um beijo. — Ainda é minha melhor amiguinha.

Ela perdeu a porcaria do juízo.

Sou puxada em direção à porta, mas finco os saltos dos meus sapatos Jimmy Choo de duas coleções atrás no chão.

— Angela, é sério. Não é possível que você esteja me demitindo.

Ela ergue o olhar para mim, inclina a cabeça para o lado e, então, pressiona a mão sobre o coração.

— Ah, olhe só para você, lutando pelo seu emprego. Deus, você sempre foi tão determinada. — Ela me sopra mais um beijo, acena e diz: — Eu te ligo. Você pode desabafar comigo sobre a sua chefe terrível mais tarde. Ah... e não esqueça de confirmar a sua presença na nossa reunião da turma do Ensino Médio. Faltam dois meses. Precisamos saber quantas pessoas comparecerão.

E simples assim, rendo-me à derrota e meus saltos cedem com meu choque total. Meu corpo fica mole e sou carregada pela parte de baixo dos braços pelos escritórios da sede do Angeloop, o blog de estilo de vida mais idiota e

absurdo de toda a internet, um lugar onde eu nem queria trabalhar, para começo de conversa.

Colegas de trabalho me observam.

Os seguranças não vacilam nem por um segundo ao me arrastarem até a porta de entrada alta e de vidro.

E antes que eu possa respirar de novo, estou encarando a placa obscenamente grande com o nome Angeloop do lado de fora do prédio, segurando uma caixa com meus pertences do escritório.

Como diabos tudo isso aconteceu?



**CAPÍTULO  
UM**

**HUXLEY**

— Porra, eu vou matar alguém — grito ao arremessar meu paletó do outro lado do meu escritório e fechar a porta com força.

— Parece que correu tudo bem na reunião — JP diz de onde está, encostado contra a parede grande de janelas no meu escritório.

— Parece que correu tudo incrivelmente bem na reunião — Breaker comenta, deitado no meu sofá de couro.

Ignorando o sarcasmo dos meus irmãos, agarro meus cabelos e viro-me de frente para a vista de Los Angeles. O dia hoje está limpo, com resquícios leves da chuva da noite anterior eliminando um pouco da neblina no ar. As palmeiras são altas, delineando as estradas, mas parecem pequenas comparadas ao local onde meu escritório fica, acima de todo o resto.

— Que tal nos contar como foi? — JP pergunta, sentando-se em uma cadeira.

Viro-me para eles, meus irmãos, os dois idiotas que sempre estiveram ao meu lado nos bons e maus momentos. Que passaram pelos altos e baixos das nossas vidas. Que largaram tudo para se juntarem a mim nessa ideia maluca de entrar para o mercado imobiliário de Los Angeles com o dinheiro que nosso pai nos deixou quando faleceu. Nós construímos esse império juntos.

Mas suas expressões bajuladoras me fazem querer agarrá-los pelos paus e jogá-los para fora do meu escritório.

— Parece que eu quero *falar* sobre isso?

— Não. — Breaker sorri. — Mas, porra, nós queremos saber de tudo.

É claro que querem. Porque foram eles que disseram que eu não deveria me encontrar com Dave Toney.

Foram eles que disseram que seria uma perda de tempo.

Foram eles que riram quando eu disse que tinha uma reunião com ele hoje.

E foram eles que me desejaram boa sorte sarcasticamente quando saí.

Mas eu queria provar que estavam errados. Eu queria mostrar que poderia convencer Dave Toney de que ele precisava trabalhar com a Cane Enterprises.

Alerta de spoiler: não o convenci.

Rendendo-me aos olhares dos meus irmãos, sento-me também e solto um longo suspiro.

— Porra — murmuro.

— Me deixe adivinhar: ele não caiu nos seus encantos? — Breaker pergunta. — Mas você é tão simpático.

— Essa merda não deveria importar. — Enfio o dedo no braço da minha cadeira de couro macia. — São negócios, não uma porcaria de festival de amizades acolhedoras e para mimarmos um ao outro.

— Acho que ele deixou passar algo na escola de negócios — JP diz para Breaker. — Porque promover relações comerciais era até mesmo uma matéria separada, não era? — Seu sarcasmo está me dando nos nervos.

— Acredito que sim — Breaker responde.

— Eu entrei lá e babei os ovos dele. O que mais ele quer?

— Você usou batom? Não sei se a namorada dele gostaria de encontrar outros lábios nos ovos do namorado. — Breaker abre um sorriso sugestivo.

— Eu te odeio. Porra, como eu te odeio.

Breaker solta uma gargalhada alta, enquanto JP fala:

— Odeio dizer isso, mas... nós te avisamos, mano. Dave Toney não trabalha com qualquer pessoa. Ele é de uma classe diferente nessa cidade. Muitos tentaram fazer negócios com a vasta quantidade de imóveis que ele possui; muitos falharam. Por que pensou que com você seria diferente?

— Porque nós somos a Cane Enterprises — grito. — Todos querem trabalhar conosco, caralho. Porque nós temos o maior portfólio imobiliário de

Los Angeles. Porque nós podemos transformar um prédio que está caindo aos pedaços em um negócio milionário em um ano. Nós sabemos que merda estamos fazendo, e Dave Toney, embora bem-sucedido, tem alguns terrenos mortos que estão prejudicando seu negócio. Ele sabe disso, eu sei disso, e quero tirar esses terrenos das mãos dele.

JP segura o queixo e pergunta:

— O que, precisamente, você disse a ele? Espero que não tenha sido isso. Porque, mesmo que o seu pequeno discurso tenha me deixado de mamilos duros, duvido que ele apreciaria esse tom.

Revirei os olhos.

— Eu disse alguma coisa nesse sentido.

— Você está ciente de que Dave Toney é um homem orgulhoso, certo? — Breaker indaga. — Se o insultar, ele não vai querer trabalhar com você.

— Eu não o insultei — grito. — Estava tentando chegar a um meio-termo, um ponto de equilíbrio, sabe, deixá-lo ver que sou um cara bem normal.

Meus dois irmãos soltam uma risada de escárnio.

— Eu sou um cara normal.

JP e Breaker trocam olhares e então se inclinam para frente, e sei o que virá em seguida: um clássico momento em que ficam sérios e me dão um sermão. Eles gostam de fazer isso comigo de tempos em tempos.

— Você sabe que nós te amamos, não é? — Breaker pergunta. E lá vamos nós.

— Estamos aqui por você, sempre que precisa de nós — JP acrescenta.

Arrasto a mão pelo rosto.

— Só falem logo, porra.

— Você não é normal. Você é qualquer coisa, menos normal. Nenhum de nós é. Nós moramos em Beverly Hills, somos constantemente convidados para pré-estreias e reuniões de celebridades, e já aparecemos nas manchetes da *Page Six* várias vezes. Não temos nada de normal. Agora, Dave Toney... ele é normal.

— Como assim? — indago. — Porque ele não é convidado para festas de celebridades?

Breaker balança a cabeça.

— Não, porque ele é pé no chão. Acessível. Você poderia ir tomar uma cerveja com ele em um bar e não se sentir nem um pouco intimidado. Você é o

completo oposto disso. Você é ostensivo.

— Eu não sou ostensivo.

JP mania a cabeça para o meu relógio.

— Belo *Movado*. É novo?

Olhei para o meu pulso.

— Comprei semana passada... — Ergui os olhos para encontrar seus olhares espertinhos. — Não tenho permissão para gastar meu suado dinheiro?

— Tem sim — JP diz. — O jeito que você vive é completamente aceitável. A casa, o carro... o relógio, tudo merecido e adquirido de forma honesta, mas, se quiser se conectar com Dave Toney, vai ter que se colocar em um nível diferente. E isso não significa se vestir de maneira mais simples, porque ele vai acabar sacando. Ele já sabe que você é um cara ostensivo. Ele precisa ver você sob uma perspectiva diferente.

— Ohh, gostei disso — Breaker concorda. — Uma perspectiva diferente. É disso que ele precisa. — Ele toca o queixo com o dedo. — Mas que perspectiva seria essa?

Irritado, levanto-me e pego o paletó de onde o joguei quando cheguei.

— Enquanto os dois idiotas pensam sobre isso, vou comprar o almoço.

— Se ao menos Toney pudesse ver esse momento, em que Huxley Cane não pede à sua assistente que compre seu almoço, mas, como um mero trabalhador comum, caminha pelas ruas de Los Angeles para buscar sua própria comida... — JP comenta.

Visto meu paletó, apesar do calor lá fora. Ignorando-os, sigo até a porta.

— Você pode trazer alguma coisa para nós? — Breaker pede.

Suspirando, respondo:

— Me mandem por mensagem o que querem da delicatessen.

— Picles. Todos os picles possíveis — JP grita conforme sigo pelo corredor em direção ao elevador. Por sorte, as portas se abrem para mim, então entro, pressiono o botão do saguão e me recosto na parede, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça.

*Me colocar em um nível diferente.* Nem sei o que isso significa. E sei que sou um homem de negócios que já fechou acordos com pessoas com as quais me dei bem, mas também já fiz acordos com pessoas que eu absolutamente desprezava. A diferença entre Dave Toney e mim é que estou pouco me fodendo quanto a quem aceita o meu dinheiro ou para quem faço uma venda. Negócios são negócios, e se for um bom acordo, vou aceitar.

Ofereci a Dave um acordo bom pra caralho hoje, melhor do que o que ele merece, para ser honesto. E ao invés de me dar um aperto de mão e aceitá-lo, ele recostou-se na cadeira de seu escritório, coçou a bochecha e disse:

— Não sei. Vou ter que pensar melhor.

Pensar melhor.

Pensar melhor no meu acordo.

Ninguém pensa melhor nos meus acordos; todos sempre os aceitam e agradecem a Jesus Cristo por terem a oportunidade de fazer negócios com a Cane Enterprises.

Passo pelas portas do elevador quando elas se abrem, caminho desviando das pessoas no saguão cheio e saio do prédio do escritório em direção à espelunca de delicatessen que fica descendo a rua. Dois quarteirões. Não costumo pedir à minha assistente, Karla, que busque comida para mim, porque isso me faz sentir um babaca — apesar do que as pessoas devem pensar de mim — e também porque gosto de tirar um segundo para sair e respirar um pouco de ar fresco. *Bom, estamos em LA, então ar fresco é um exagero.* Mas isso me dá um tempinho para me renovar antes de voltar para minha mesa, de onde controlo a nossa empresa bilionária pelo teclado do meu computador.

Meu celular apita no bolso e não me dou o trabalho de olhá-lo, porque sei que são os pedidos de JP e Breaker. Nem sei por que pedi que me mandassem mensagem, porque eles sempre pedem a mesma coisa. O mesmo que eu. Sanduíche de bife fatiado e queijo derretido com cogumelos extras. E, é claro, picles. É o nosso sanduíche favorito. É algo que não comemos com frequência, mas, quando vamos a essa delicatessen, é o nosso pedido de sempre.

A calçada está mais cheia de gente do que o normal. O verão chegou em Los Angeles, o que significa que há turistas para todos os lados, ônibus de turismo por bairros de celebridades estarão sempre lotados e dirigir pela Interestadual 101 vai ser um pesadelo infernal. Para minha sorte, moro a apenas trinta minutos do escritório.

Ao me aproximar da delicatessen, vejo um SUV preto familiar estacionar ali em frente. Quando a porta se abre, avisto Dave Toney saindo dele. Por falar no diabo...

Quais as chances?

Seja lá quais forem, elas parecem estar a meu favor. Nada como um bom encontro subsequente para tentar fechar o acordo. Talvez JP tivesse razão. Dave Toney podia mudar de ideia quando me visse comprando nosso almoço.

Isso é definitivamente estar *em um nível diferente*.

Abotoo meu paletó e apresso o passo. Nunca perca uma oportunidade nos negócios. Nunca. Ao chegar cada vez mais perto, sou perigosamente pego de surpresa quando vejo uma mão feminina saindo do veículo, depois de Dave. Desacelero e fixo o olhar na mão... a pequena mão com um ENORME anel de noivado.

Putá merda, Dave está noivo?

Estou deduzindo que sim, já que ele está segurando a mão da mulher.

Mas, noivo... caramba, como deixei isso passar?

Geralmente, sou capaz de perceber coisas desse...

Meus pensamentos fazem uma pausa, e pisco algumas vezes conforme a noiva se vira e me dá uma vista de perfil.

Putá... merda.

Parece que o noivado não é a maior surpresa do dia.

Graças ao seu vestido justo e ao corpo esguio, não me resta dúvidas de que a noiva de Dave Toney está grávida.

Dave Toney, noivo e com um bebê a caminho. Como... quando?

Ele acena para o motorista, fecha a porta e então, dá uma rápida olhada para trás, o suficiente para que façamos contato visual. Ele ergue as sobrancelhas, surpreso, e vira completamente para acenar para mim.

— Cane, não esperava encontrá-lo na rua.

É, nenhum de nós esperava ver o outro, mas não vou deixar que o choque do momento me abale.

É hora do show.

Abro um sorriso.

— Estou apenas curtindo o calor abafado da Califórnia enquanto vou comprar almoço para meus irmãos e eu. — Caminho até ele e estendo a mão. Ele me dá um aperto breve. — Essa é a nossa delicatessen favorita.

— É mesmo? — Dave pergunta, com surpresa na voz. — É a favorita de Ellie também. Nunca vim aqui, mas ela estava me contando que eles têm os melhores pickles.

— Meus irmãos também adoram pickles. — Estendo a mão para sua noiva. — Você deve ser a Ellie.

— Merda, que grosseiro da minha parte — Dave diz com um sorriso sem jeito. — Sim, esta é a Ellie. Ellie, este é Huxley Cane.

— É um prazer conhecê-lo — Ellie me cumprimenta com uma voz sulista muito doce. Uma que já ouvi antes.

Aperto sua mão e então, solto, dizendo em seguida:

— Deixe-me adivinhar... você é do estado da Geórgia?

Seu sorriso se ilumina.

— Sou, sim. Deu para perceber?

Aham, um bom presságio para mim.

— Minha avó se autoproclama uma verdadeira queridinha da Geórgia. Passei muitos verões brutalmente úmidos na varanda envidraçada da casa dela, sentado em uma cadeira de balanço, enquanto ela me atualizava sobre as fofocas da cidade.

— É mesmo? Onde?

— Peachtree City.

Os olhos dela se arregalam de alegria. Ela pressiona a mão no peito.

— Eu cresci em Fayetteville, a leste de Peachtree. Nossa, que mundo pequeno.

Sim. Realmente é. Especialmente porque, na verdade, minha avó reside em San Diego, mas eles não precisam saber disso. Eles também não precisam saber que reconheci seu sotaque porque namorei uma garota na faculdade que era de Peachtree City. É tudo questão de semântica.

Satisfeito com a pequena conexão que estou fazendo com o mundo de Dave, viro-me para ele, deparando-me com um homem cuja expressão é muito territorial. Opa. Mandíbula cerrada, sobrancelhas franzidas e sem humor algum nos olhos em relação ao nosso... mundo muito pequeno.

O cara está praticamente marcando território com aquele rosnado irritado. Eu não me surpreenderia se ele começasse a circular Ellie e a fazer xixi nela.

Diante do que sabe sobre mim, ostensivo, paquerador, Sr. *Page Six* — não recentemente, graças a Deus —, ele deve achar que sou uma ameaça. O que não sou. Quero dizer, sim, Ellie é uma loira atraente. Bonita, com olhos azuis, mas também está grávida — pesadelo total — e noiva, portanto, completamente fora de cogitação.

Mas diante do que os meus irmãos disseram, Dave provavelmente não vê dessa forma quando se trata de mim.

O que significa que preciso consertar essa situação e rápido.

Mas como...

Como posso fazê-lo pensar que...

*\*Ideia\**

Você viu a lâmpada brilhante acender sobre a minha cabeça? Sim, uma ideia acaba de surgir. Pode não ser muito inteligente. Definitivamente, não é a coisa mais inteligente que já pensei, mas Dave parece estar ficando mais tenso a cada segundo, então...

Lá vamos nós.

*Por favor, que isso não volte para me assombrar* — famosas últimas palavras.

— Fayetteville, hein? — Umedeço os lábios. Lá vai. — Uau, que loucura. Acho que os pais da minha noiva são de Palmetto. Isso não fica bem próximo também, ao norte?

Sim, noiva. Falei que não era inteligente, mas foi o melhor que consegui inventar.

— Sim, Palmetto fica ao norte de Fayetteville — Ellie diz com muita alegria, enquanto Dave a envolve pela cintura em um abraço protetor.

— Noiva? — ele pergunta após limpar a garganta. — Você está noivo, Cane? — Há um interesse genuíno em seus olhos e a tensão que estava se juntando em seus ombros relaxa aos poucos.



— Você está noivo, Cane?

— Sim.

— Hum, estou surpreso.

Não consigo interpretá-lo. Ele acredita em mim? Está me testando? Estou piorando as coisas exponencialmente? Porra, espero que não. Não quero perder esse acordo.

Recuso-me a deixar que escape das minhas mãos, não quando estou tão perto. Ter essas propriedades seria exponencialmente benéfico para o nosso portfólio, especialmente com o que temos planejado para elas. E conseguir

fechar negócio com o esquivo Dave Toney me faria ainda mais vitorioso. Minha mente de negócios toma as rédeas, jogando o bom senso pela janela.

Então, antes que eu possa mudar de ideia quanto ao que está prestes a sair da minha boca, engulo em seco e digo:

— Aham, noivo e... com um bebê a caminho.

No instante em que a mentira sai por meus lábios, uma sensação estranha toma conta de mim, porque, porra, sei o quanto é difícil para algumas mulheres engravidarem, e mentir sobre algo desse tipo... inferno, não me parece certo. Mas, como eu disse, o bom senso desapareceu nesse momento, e estou agindo por puro e burro instinto.

— É mesmo? — Ellie comemora. — Oh, meu Deus. — Ela afaga a barriga. — Nós também. Dave, isso não é empolgante?

— Realmente, é. — O rosto de Dave se transforma, saindo de namorado protetor e incerto para... para uma expressão que nunca vi nele antes. Compaixão.

Compreensão.

Ouso dizer... camaradagem?

Enfio as mãos nos bolsos da calça para evitar que fiquem inquietas enquanto conto a maior mentira da minha vida.

— Sim, a minha avó me apresentou a ela em Peachtree City. Foi um daqueles encontros românticos com amor à primeira vista.

Ellie junta as mãos.

— Oh, eu adoro encontros românticos.

Dou de ombros.

— É, e nos demos bem muito rápido. — Desvio um pouco o olhar para o céu, tentando pensar sobre a minha noiva grávida imaginária e no quanto eu, engulo em seco, a amo. — As coisas acabaram acontecendo um pouco ao contrário, ao engravidarmos primeiro, mas acho que nunca fizemos nada certo, de acordo com a linha do tempo da sociedade.

— Assim como nós — Dave diz, e eu vejo, bem ali em seus olhos. Um novo apreço por mim. Era disso que os caras estavam falando. Era disso que Dave precisava: me ver como “humano”.

Esse sou eu, me encontrando com Dave em um nível diferente. Conectando-me em um nível diferente. Nesse momento, ele não me vê como um homem de negócios ostensivo e implacável, mas sim como alguém que ele pode chamar para tomar uma cerveja e conversar sobre suas preocupações

quanto a ser pai de primeira viagem.

Esse pode muito bem ser exatamente o tipo de solução que eu precisava. Um bate-papo, uma mentirinha perspicaz que não vai fazer mal a ninguém. Ele não precisa realmente conhecer essa garota imaginária. Nem ao menos precisa saber muitas coisas sobre ela. Somente a ideia de sua existência já aumenta o meu apelo.

Hum, talvez essa não tenha sido uma ideia tão ruim, afinal.

Talvez tenha sido pura genialidade, na verdade.

Guarde as minhas palavras — até amanhã, nesse mesmo horário, ele irá me ligar para dizer que não quer mais pensar melhor sobre a minha oferta, mas sim que está disposto a aceitá-la.

*Huxley Cane, você é um gênio.*

— Dave, não seria absolutamente divino recebermos Huxley e sua noiva para um jantar?

Hã, como é?

Jantar?

Ellie continua:

— Seria uma maravilha conversar com pessoas que estão na nossa mesma situação. — Aproximando-se um pouco, Ellie diz: — Minha família não está muito animada por querermos nos casar somente depois do nascimento do bebê. Meus pais são bem tradicionais.

Sinto suor brotar acima do meu lábio superior enquanto tento manter a expressão neutra.

Um jantar.

Com a minha “noiva”.

Oh... merda.

Abortar o plano, Cane. ABORTAR O PLANO!

— Isso seria maravilhoso — Dave concorda com um sorriso jovial.

PORRA!

— Que tal sábado à noite? — ele continua.

Sábado à noite?

PORRA MAIS UMA VEZ!

Isso é daqui a quatro dias.

Quatro dias para encontrar não somente uma noiva, mas uma noiva grávida.

*Huxley Cane, você não é um gênio, você é um completo idiota.*

— Ah, dê a ele um tempinho para falar sobre isso com a noiva — Ellie opina. Eu diria graças a Deus por Ellie, mas esse jantar já cheio de ansiedade foi ideia dela. — Dê uma resposta ao Dave quando souber se poderão comparecer. Eu adoro cozinhar. Poderia fazer uma comida típica sulista para nós, se quiserem.

Minha mente já está formulando um monte de desculpas para justificar por que minha noiva e eu não poderemos ir jantar com eles no sábado à noite.

— E talvez possamos conversar um pouco mais sobre o acordo — Dave declara com um sorriso genuíno.

Porra.

Porra. Porra. Porra.

Agora, não posso dizer não. Não diante da possibilidade de garantir o acordo.

Caramba.

Apesar do deserto que está em minha boca, engulo em seco e assinto.

— Aham. — Minha voz falha. — Sábado parece ótimo.

— Maravilha. — Ellie bate palminhas. — Ah, mal posso esperar. Vou fazer a minha melhor torta de pêssego e couve refogada. Dave te passará as informações.

— Perfeito — digo com um sorriso trêmulo. No que diabos estou me metendo?

— Ah, amor, nós vamos nos atrasar. Vamos passar na delicatessen depois da nossa aula, pode ser? — Dave pergunta.

— Contanto que eu possa pedir o dobro de pickles — Ellie responde ao pressionar um beijo nos lábios de Dave.

A demonstração pública de afeto faz meu estômago revirar. Não é que eu os ache repulsivos, mas é um lembrete gritante do buraco que acabei de cavar para mim mesmo.

— Ok, estamos indo para a aula de Lamaze. Nos falamos em breve — Dave diz com um aceno.

Aceno de volta para eles, torcendo para que minha mão não pareça estar trêmula. Sem entrar na delicatessen, dou meia-volta e volto para o escritório, minha mente girando enquanto penso em como sair dessa situação fodida.

*Huxley Cane, você é um completo e absoluto idiota.*



# CAPÍTULO DOIS

## LOTTIE

Com as mãos no volante, encaro meu lar de infância e também atual lugar em que resido, um pequeno bangalô que está na família há anos. Muitos anos mesmo. Vovó Pru o comprou durante os anos 1950 e o passou para a minha mãe, que criou a mim e minha irmã, Kelsey, completamente sozinha.

O reboco branco foi desaparecendo ao longo dos anos e agora parece ter um tom mais creme, e o telhado de barro vermelho precisa de mais reparos do que a minha mãe pode pagar, apesar de seu namorado que mora conosco, Jeff, querer substituí-lo para ela.

Por falar em Jeff, ele está no jardim usando sua bermuda jeans grande demais e clássica regata branca, aparando de grama. Jeff sempre está com um cigarro apagado pendurado em sua boca, porque mesmo que ele não o fume, nunca mesmo, sente um conforto em saber que poderia, se quisesse. Não me pergunte sobre a explicação psicológica por trás disso; ele é muito bom para a minha mãe e, durante os últimos dez anos, sempre foi um ouvinte maravilhoso tanto para mim quanto para a minha irmã. Então, se ele gosta de deixar um cigarro pendurado na boca, que deixe. Poderia ser pior.

Mas Jeff estar no jardim da frente de casa cria uma falha na minha habilidade de levar minha caixa com as coisas do escritório para meu quarto sem ser questionada. E não quero nenhum questionamento de Jeff ou da

minha mãe. Eles não podem descobrir que Angela me demitiu. Isso seria um completo desastre.

Eles NUNCA podem descobrir.

Por quê?

Bem, porque foram eles que imploraram e suplicaram que eu procurasse outro emprego que não exigisse que eu trabalhasse para uma pessoa com a qual vivi um relacionamento tóxico por anos.

Mas você sabe como é. Pais não sabem de nada, nós sabemos de tudo, e então temos que morder nossas línguas depois quando nos damos conta de que... deveríamos ter dado ouvidos a eles.

Afffff.

Sem querer que Jeff tenha alguma suspeita, saio do meu fusca caindo aos pedaços, deixando a caixa no banco de trás, penduro minha bolsa no ombro e abro um lindo sorriso que sei que alegrará o dia de Jeff.

— Oi, Lottiezinha — ele diz, usando o apelido que a minha mãe me deu anos atrás.

— Oi, Jeff. — Aceno para ele, que desliga o cortador de grama e ajusta os óculos escuros no alto do nariz. — O jardim está lindo.

— Obrigado. Acho que o comitê de embelezamento irá finalmente nos notar esse ano.

Oh, Jeff, sempre tão esperançoso.

Nós vivemos à margem, e isso quer dizer a uma rua do bairro The Flats em Beverly Hills. Todo verão, há um comitê que vai de casa em casa, escolhendo os melhores jardins na vizinhança e premiando-os. Nós sempre andamos pelo The Flats, admirando os gramados fabulosamente bem-cuidados por paisagistas profissionais, não pelos donos das casas. Rola um banho de sangue na semana antes dos juízes fazerem a ronda, incluindo aqui na nossa casa, porque a última casa da rota fica do outro lado da rua, e para poder vê-la, tem que ver a nossa, logo depois dos arbustos, e Jeff está determinado a ser notado.

— Você vai ter que fazer a mamãe concordar em consertar o telhado, se quiser ter mesmo uma chance.

A chance do nosso jardim ser notado algum dia é praticamente nula. O comitê de embelezamento é composto por um monte de ricos esnobes que nunca olhariam para o outro lado da rua. Mas é legal dar esperança a Jeff, principalmente porque ele trabalha duro nisso.

Seus ombros caem em derrota.

— Eu disse a ela. Preciso que o telhado fique imaculado. Aquelas telhas quebradas nunca me ajudarão a ganhar. Acho que vou chamar uns garotos um dia desses e consertá-lo enquanto ela estiver no trabalho. Agir primeiro, pedir perdão depois.

— É uma abordagem muito esperta.

— Como foi o trabalho?

Faço uma pausa a caminho da porta da frente. Mantendo o sorriso a todo vapor, digo:

— Ótimo. Só mais um dia típico.

Aham, um dia típico perambulando pelas ruas de Los Angeles, matando tempo antes de poder voltar para casa, sabendo muito bem que minha mãe e Jeff conhecem meus horários e que se eu chegasse em casa mais cedo que o normal, eles suspeitariam. E para minha sorte, durante minha perambulação, um homem sem-teto muito querido fez cara feia para minhas pernas nuas e me disse para comprar uma meia-calça. Comprei um sorvete de menta para me consolar, que acabou sendo vítima do sol do verão da Califórnia e derreteu, pingando e escorrendo na parte da frente da minha blusa, e para completar, tropecei em uma grade no chão e quebrei o salto de um dos meus sapatos Jimmy Choo de duas coleções atrás, o que explica o fato de eu estar entrando em casa descalça.

Foi um dia daqueles.

— A promoção será em uma semana, não é? — Jeff pergunta. — Está animada? Você poderá finalmente procurar um lugar para morar sozinha.

Insira um suspiro profundo aqui.

Ergo um polegar para ele.

— Muito animada.

Sem mais uma palavra, abro a porta da casa e imediatamente sinto o cheiro dos palitinhos de peixe da minha mãe. Ai, Senhor Jesus, de novo não.

Eu não tenho um dia de paz.

— Jeff, o jantar está quase pronto.

— Sou eu, mãe — digo, seguindo para meu quarto, mas, antes que eu possa avançar muito no corredor, mamãe enfia a cabeça pelo vão da porta da cozinha.

— Lottiezinha, bem a tempo para o jantar.

Faço um gesto vago com a mão para ela.

— Não estou com muita fome. — Pouso a mão sobre a barriga. — Almocei tarde. Talvez eu coma uma maçã depois.

— Não seja boba. Vá lavar as mãos — sim, ela ainda me manda lavar as mãos antes das refeições — e relaxar um pouco. Vou colocar um lugar para você à mesa.

Suspirando, digo:

— Obrigada, mãe. — Chego ao meu quarto, fecho a porta e me recosto contra ela, deslizando para baixo até sentar no chão. — Deus, eu preciso de uma bebida. — Pego meu celular na bolsa e mando uma mensagem para a minha irmã.

**Lottie:** *Preciso tomar um porre. Vou beber amanhã durante o dia depois que mamãe e Jeff saírem. Topa?*

Kelsey, minha gêmea irlandesa, como mamãe gosta de chamá-la, é apenas doze meses mais nova que eu, e é uma organizadora em ascensão — sim, eu também fiquei confusa quando ela me contou essa pequena informação. Basicamente, ela começou seu próprio negócio de organização, que consiste em visitar diversas casas para mostrar às pessoas como organizar suas despensas e armários a fim de torná-los mais funcionais — resumindo, ensiná-las a não serem acumuladoras de coisas inúteis. Perguntei a ela como isso se diferencia da proposta do reality *A Arte de Organizar*, e sua resposta me deixou pasma: porque ela faz tudo muito bem pensado. Ela foca em uma organização sustentável. Ao invés de encorajar seus clientes a usarem caixas de acrílico transparentes, ela trabalha com uma empresa que oferece produtos de organização de origem sustentável, assim como produtos feitos de materiais totalmente recicláveis. Melhor para o meio ambiente e para o seu lar. Viu? Pasma. Aparentemente, ela está a uma celebridade de distância de ser descoberta. Eu acredito nela. No momento, ela está ganhando apenas o suficiente para fazer seu negócio crescer aos poucos e conseguir pagar um apartamento tipo estúdio em West Hollywood.

Meu celular apita com uma mensagem.

**Kelsey:** *Você não deveria ir trabalhar amanhã?*

Levanto-me do chão e puxo a blusa de dentro da saia antes de responder.

**Lottie:** *Eu deveria...*

Solto o celular e tiro a roupa, jogando-a no cesto de roupas sujas, sem dar a mínima para a mancha de sorvete. O estrago já está feito. Visto um short e uma blusa de alças e prendo meus cabelos castanhos compridos em um coque no

alto da cabeça.

**Kelsey:** Não me diga que aquela vaca te demitiu.

**Lottie:** Considere-me desempregada.

**Kelsey:** Cacete, EU TE DISSE que isso ia acontecer. Ela é tão... aff, Lottie, se você ainda falar com ela, eu vou te deserdar. Está entendendo?

**Lottie:** Acredite, Angela morreu para mim, independente do que ELA ache.

**Kelsey:** Me deixe adivinhar, aquela narcisista acha que vocês continuarão amigas.

**Lottie:** Aham. Enfim, eu não vou contar para mamãe e Jeff, não até eu conseguir dar um jeito nisso. Eles ainda acham que vou me mudar na semana que vem quando conseguir a minha “promoção”, quando, na verdade, fui rebaixada a desempregada.

**Kelsey:** O seu segredo está a salvo comigo. Estarei aí por volta das nove com tequila e os outros ingredientes para fazermos margaritas.

**Lottie:** Pode trazer o caderno de ideias?

**Kelsey:** Já estou colocando na bolsa. Tô contigo, maninha.

**Lottie:** Eu te amo.

**Kelsey:** Também te amo. E não se preocupe. Vamos resolver isso.

Sentindo-me aliviada, coloco o celular sobre a cômoda, porque se a minha mãe vir um celular em qualquer lugar próximo à mesa de jantar, é capaz de arrancá-lo da mão de quem o estiver segurando e jogá-lo na privada. Já fui vítima de tal golpe uma vez, e somente uma vez. Depois de secar o celular ensopado de água da privada dentro de uma lata de arroz de um dia para o outro, você aprende rapidinho a nunca mais fazer isso.

Sigo pelo corredor até a sala de jantar, onde vejo Jeff dando um beijo casto na bochecha da minha mãe. Ele sussurra “obrigado” para ela antes de sentar-se. Ele também trocou de roupa e as mãos estão limpas de terra de jardinagem. Sei que ele voltará lá para fora logo após o jantar, mas aprecio sua compreensão pelas regras da minha mãe à mesa.

— O cheiro está bom, mãe — minto ao me sentar.

Jeff adora os palitinhos de peixe caseiros. Eu os odeio. Mas os como, porque fui ensinada desde criança que você deve comer o que está no seu prato sem reclamar. Tipo fique feliz pelo simples fato de ter o que comer.

— Obrigada. Fiz a sua torta favorita para a sobremesa.

Agora, sim, vale a pena enfiar palitinhos de peixe goela abaixo.

— Você é incrível. Obrigada.

Mamãe senta-se à mesa e, então, como uma linda família de três, nós damos as mãos, mamãe conduz uma oração e, em seguida, começamos a comer. Felizmente, mamãe me serviu porções menores. Posso facilmente engolir isso pela promessa de comer torta fresquinha depois.

— Como foi o trabalho, querida? — mamãe pergunta ao colocar uma porção de molho tártaro em seu prato. Ela passa o molho para Jeff, que também pega um pouco antes de passá-lo para mim. Encho meu prato com o molho carregado de pickles porque só assim conseguirei mastigar os palitinhos de peixe.

— Foi ótimo — respondo, sentindo a mentira crua na língua.

Três coisas que aprendi crescendo com uma mulher forte e independente foram: você não deve mentir, não deve trapacear e deve sempre trabalhar pelo que quer. Bem, eu acabei de mentir, porque nem ao menos aguento pensar em dizer a verdade. Não quando mamãe e Jeff me avisaram — assim como Kelsey — que seria uma má ideia aceitar um emprego oferecido por Angela. Angela, ora quente, ora fria. Angela, narcisista e errática. Eles me disseram para esperar, que um emprego surgiria para alguém que havia acabado de se formar com um mestrado em Administração na Universidade da Califórnia, em Irvine.

Alguma coisa surgiria.

Qualquer coisa surgiria.

Nada surgiu.

Absolutamente zero oportunidades.

Fiquei desesperada.

Os empréstimos estudantis estavam batendo à minha porta, responsabilidades estavam começando a me enlouquecer.

Eu precisava de um emprego.

Angela era a minha única opção. Ela me ofereceu um cargo temporário em sua empresa, com uma merreca de salário que me obrigava a morar com minha mãe para poder continuar mantendo a minha vida no sul da Califórnia, e uma promessa de que, se meu desempenho fosse bom, após um ano, meu salário triplicaria — sim, triplicaria, e isso demonstra a merreca que realmente era —, e ela me daria um cargo permanente. Mamãe e Jeff disseram que eu seria uma trouxa se aceitasse. Que, de alguma forma, ela iria me ferrar.

Mas eu não tinha nenhuma outra opção. Absolutamente nenhuma. Então,

na minha cabeça, não tive escolha. Aceitei.

E arrasei.

Nos meses seguintes, vi um crescimento extremo do blog de estilo de vida. Celebidades começaram a patrociná-lo, e quando dei por mim, Angeloop havia se tornado um nome muito conhecido. Eu era parte disso. Joguei um “eu te disse” na cara da minha mãe e do Jeff após a nossa primeira aparição no *Today Show*. Eu disse que teria que dedicar meu tempo a esse trabalho e coisas boas aconteceriam.

Está ouvindo a risada sarcástica?

Eu não somente não tenho um tostão, como agora também não tenho emprego e, em uma semana — a menos que eu queira contar a verdade para mamãe e Jeff —, não terei lugar para morar.

Como diria Rachel Green, isso não é fantástico como um chute na virilha e uma cuspidinha no pescoço?

— Você já assinou algum contrato de aluguel? Eu sei que você encontrou um apartamento que gostou em West Hollywood perto da sua irmã.

Isso é verdade, mas graças a Deus pelo meu medo de compromisso, porque não assinei o contrato de aluguel. Isso só teria piorado todo esse pesadelo.

— Não gostei tanto assim daquele apartamento. A *vibe* não bateu.

Jeff ri.

— Maura, você se lembra de ter 25 anos e estar procurando um lugar para morar baseando-se na *vibe* que ele passa? — Ele coloca a mão no peito de maneira divertida. — Ah, as lembranças.

Minha mãe dá risada e passa a mão nas costas dele.

— Eu me lembro de que encontrei um lugar minúsculo de um quarto só em Koreatown onde a privada ficava ao lado da cama e eu a usava como mesa de cabeceira. Foi em desses momentos perto da minha mesa de cabeceira/privada que pensei “nossa, a *vibe* aqui é real...” — Mamãe olha para mim. — Realmente pobre, isso sim.

Rindo, Jeff assente.

— Você ganhou de mim com a mesa de cabeceira de privada. Eu tinha um vizinho com uma vassoura que acabava com a minha *vibe* o tempo todo.

Alterno olhares entre os dois.

— Vocês sabem que sou quase Geração Z. Às vezes, o sarcasmo dói muito, viu?

Os dois dão risada e mamãe diz:

— Você é uma *millenial* novinha. Tudo bem, querida. Pode ficar com a mamãe e o seu padrasto pelo tempo que quiser. Nós adoramos não ter privacidade alguma. — Ela abre um sorriso irônico e sei que está brincando. Ela nunca me expulsaria de casa, mas também sei que já faz um tempo que estão ansiosos pela minha partida.

— Se vocês gostam de não ter privacidade, então que tal fazermos uma festa do pijama hoje à noite? Podemos ficar os três aconchegados na sua cama queen-size.

Jeff ergue uma mão.

— Não contem comigo.

Pobre Jeff. Um cara tão legal, e posso ver que ele quer, sim, ter um pouco de privacidade com a minha mãe. Ele está na nossa vida desde que eu tinha quinze anos. Acho que está pronto para ter um tempo sozinho de verdade com a minha mãe. E pronto, lá vem a culpa. É uma droga Angela ter me ferrado? Claro que sim, mas o que é ainda pior é saber que, se eu não resolver essa situação, vou privar Jeff e minha mãe da liberdade que eles tanto desejam.

— Nós queremos muito andar pela casa pelados — mamãe revela do nada. Quando lanço um olhar horrorizado, ela completa: — Sempre que você vai ficar com a sua irmã, é isso que fazemos. Colocamos Harry Connick Jr. para tocar, tiramos a roupa e dançamos pelados na sala de estar.

— Ai, meu Deus, por que está me contando isso? — Pouso o garfo, sentindo minha vontade de comer se esvaindo. Sim, mamãe e Jeff são pessoas atraentes; Jeff faz musculação na garagem e mamãe procura manter um bom físico, mas, Senhor! Isso não é uma imagem que quero ter na mente.

— Só para você saber pelo que estamos ansiosos. — Ela pisca para mim e mergulha casualmente um palitinho de peixe no molho tártaro.

— Eu poderia ter ficado sem saber. — Recosto-me na cadeira e cruzo os braços sobre o peito.

Mamãe acena para o meu prato com o garfo.

— Coma, querida. A torta está esperando por você.

Como eu poderia esquecer?



Escondida atrás de um arbusto, espio por entre os galhos e vejo Jeff puxar minha mãe para um beijo, dar uma apalpada na bunda dela — aff, gente velha

— e então os dois entram em seus carros para ir ao trabalho. Não saio de detrás dos arbustos de imediato; ao invés disso, espero mais dois minutos só para garantir que eles não esqueceram nada. Com a minha sorte, eles voltariam para casa assim que eu estivesse abrindo um pacote de batatinhas.

Quando sinto que a barra está limpa, saio de detrás do arbusto, tentando evitar que minha saia lápis preta fique presa em um galho — não tenho condições de perder nenhuma roupa boa para entrevistas —, e atravesso a rua nos meus sapatos pretos de salto de uma marca qualquer. Graças a Deus, o arbusto tinha dois metros de altura, porque acho que eles não perceberam nada. Sigo pela calçada até em casa nas pontas dos pés, destranco a porta, entro de fininho, e então, solto uma respiração profunda.

Missão cumprida. *Contudo, agora estou me perguntando por que simplesmente não dirigi até a casa de Kelsey em vez de me preocupar com todo esse subterfúgio.*

O zumbido da geladeira preenche a casa quieta. Tudo está em ordem, não há uma almofada fora do lugar, nem prato algum na pia. É isso que mamãe provavelmente quer. Paz. Poder curtir a casa que ela tanto se esforça para manter arrumada.

Não que eu seja barulhenta ou uma “colega de casa” ruim, mas é muito melhor ter a casa toda para si, poder fazer o que quiser sem as repercussões de alguém chegar e flagrar você. É isso que mamãe e Jeff desesperadamente querem.

Sei disso, porque eles mencionam quase todos os dias.

Preciso encontrar um emprego, e rápido.



Preciso encontrar um emprego, e rápido.

Não somente porque quero poder dar à minha mãe um pouco de paz com Jeff, mas porque não tenho muito dinheiro no banco e meus empréstimos estudantis não vão se pagar sozinhos. Sem contar que a minha reunião do Ensino Médio está chegando e seria um pé no saco aparecer lá desempregada, com dívidas até o pescoço, usando um vestido de cinco anos atrás e ainda morando com a minha mãe.

E não posso simplesmente não ir, porque, se eu não aparecer, Angela vai saber o motivo, e não posso lhe dar a satisfação de saber que eu dependia

dela.

Não, preciso dar um jeito nisso.

Volto para o meu quarto e tiro as roupas de trabalho, trocando-as por um short e uma camiseta puída da Taylor Swift que tenho há uma década.

Ao voltar para a sala de estar, meu celular apita com a chegada de uma mensagem.

**Kelsey:** *A barra está limpa?*

**Lottie:** *Está.*

Alguns minutos depois, Kelsey entra de repente, trazendo tequila e ingredientes para margaritas.

— Os itens para esquecer todos os seus problemas estão aqui.

Caminho até ela, pego a tequila e lhe dou um abraço.

— Obrigada por vir.

— Para que servem as irmãs? Além disso, tenho um dia tranquilo hoje. Só tenho que responder a alguns e-mails. Eu trouxe o meu computador para poder trabalhar um pouco.

— Enquanto bebe? — pergunto, erguendo as sobrancelhas. — Não me parece uma ideia inteligente.

— Nós vamos pegar leve. — Ela me lança um olhar afiado. — Álcool pode aliviar a dor, mas não vai consertar tudo. A menos que... você decidiu contar para a mamãe e o Jeff. Se esse for o caso, vou encher a cara com você agora mesmo. Basta me dar o sinal verde e estaremos disputando quem vai para a privada primeiro daqui a duas horas.

Balanço a cabeça.

— Não, eu não vou contar para eles. — Com os ingredientes para as margaritas em mãos, nós duas vamos para a cozinha, onde colocamos tudo sobre a bancada. — Não acho que tenho coragem de contar. Você devia ter visto a cara deles ontem à noite quando estavam falando sobre ficarem com a casa somente para eles e terem a oportunidade de finalmente dançarem por aí pelados.

— Eca. — Kelsey faz uma careta.

— Nem me fale. Foi uma imagem mental da qual eu não precisava enquanto tentava engolir à força os palitinhos de peixe da mamãe. — Pego duas taças e uma coqueteleira do armário. Kelsey vai até o freezer para pegar uma bandeja de gelo; mamãe não acha que precisa de uma nova geladeira, assim como o telhado. — Mas eles estavam animados com a ideia de eu me

mudar, e pensar em dizer a eles que não vejo como isso pode ser possível no momento me faz querer beber essa garrafa inteira de tequila. — Pressiono uma mão no rosto. — Eu sou um fracasso, Kelsey.

Ela se aproxima por trás de mim e me abraça. Envolver meus braços com os meus e a seguro com força, permitindo-me aproveitar o abraço de irmã.

— Você não é um fracasso. Só encontrou uma dificuldade no caminho.

— Todos vocês me avisaram que ela ia me ferrar em algum momento, e talvez eu tenha achado isso no começo, mas depois de estabelecer um bom ritmo de trabalho e provar o meu valor na empresa, pensei que podia confiar nela. Realmente pensei que tinha encontrado o meu lugar. — Balanço a cabeça. — Eu sou uma idiota.

— Você não é uma idiota. — Ela afaga minhas mãos antes de me soltar. — Mas talvez você tome decisões ruins, às vezes.

— Eu tomo muitas decisões ruins. Lembra-se daquela vez que você me disse para não chamar Tyler Dretch para sair porque ele gostava de você, mas tentei provar que você estava errada e o chamei para sair mesmo assim? Ele me disse que queria sair com a minha versão mais jovem. Isso foi no Ensino Médio. NO ENSINO MÉDIO, Kelsey.

Ela dá risada.

— Eu sei. Eu te disse para não fazer isso.

— E quanto comprei aquele short de anarruga cor de pêssego? Eu te convenci de que era a última moda, mas nem tinha chegado ao mercado ainda, e o usei para ir à praia e ele rasgou bem na virilha quando me curvei. Nunca apertei a bunda com tanta força e tão rápido na vida quanto naquele momento.

— Ainda consigo ver a expressão horrorizada que você fez ao sentir a primeira brisa do oceano soprar nas suas partes íntimas. Não usar calcinha foi outra decisão ruim.

— Viu? Eu nem sei o que é uma boa decisão.

— Isso não é verdade. Essas são apenas coisas pequenas. Você já tomou algumas decisões boas.

— Ah, é? — pergunto, colocando os ingredientes para a margarita na coqueteleira. — Por favor, entretenha-me com as minhas incríveis decisões.

Kelsey encosta-se na bancada e toca o queixo com o dedo.

— Hã... você... bom, teve aquela vez... hum, oh, e quando você... hum, talvez isso não tenha sido...

— Pode continuar mandando — digo secamente. — Você está me inundando com todas as minhas boas decisões. Mal consigo respirar com tanto lisonjeio.

— Só me dê um segundo, caramba... ah, você fez mestrado em Administração. Isso foi uma ótima ideia.

— Foi mesmo? Porque passei o último ano usando meu contracheque medíocre para pagar meus empréstimos estudantis absurdos. E esse mestrado não me ajudou em nada além de conseguir um trabalho com Angela... que a gente sabe no que deu.

— Oh, eu tinha me esquecido dos empréstimos estudantis. São muito altos?  
— Kelsey franze o rosto.

Sacudo a coqueteleira e digo:

— Sinceramente, nem consigo olhar, tenho muito medo. Coloquei no débito automático.

— Quanto você tem no banco?

Encolho-me.

Tá foda.

E eu sabia que ela ia fazer essa pergunta, mas isso não facilitou nada.

Sirvo as margaritas nas taças.

— Não sei. Também tenho medo de olhar.

Kelsey respira fundo, pega sua bebida e diz:

— Bem, se temos que descobrir o que você vai fazer, então vamos ter que arrancar o curativo de uma vez e dar uma olhada no que nos aguarda. Precisamos saber qual o seu nível de desespero.

Ela pega seu computador na bolsa e acena com a cabeça para a mesa da sala de jantar.

— Está na hora — ela anuncia.

Merda... pior que ela tem razão. Está na hora.

Fico ali de pé, aproximo a taça dos meus lábios e tomo um gole enorme. Vou precisar disso.



Encaramos fixamente a parede diante de nós.

Nem uma palavra.

Nem um movimento.

Apenas... encaramos.

O ar-condicionado sopra ar frio em meu corpo aquecido a cada poucos minutos. Mas só isso. Esse é o único movimento na casa, uma leve mecha do meu cabelo flutuando sobre meu rosto completamente chocado e aflito.

Já ouvi falar em fundo do poço antes. Já li sobre isso. Até mesmo já vi algumas pessoas passarem por isso. Eu pensei que tinha chegado ao fundo do poço ontem. Mas estava errada. Isso... isso bem aqui é o fundo do poço.

Finalmente, após pelo menos cinco minutos de silêncio, Kelsey diz:

— Então, eu diria que nosso nível de desespero é alerta máximo.

Viro minha taça e termino o conteúdo dela.

— Aham — digo simplesmente.

Mais de trinta mil dólares de dívida, menos de três mil dólares no banco.

Não é suficiente para um caução e pagamento do primeiro mês de aluguel de um apartamento para mim.

Não é o suficiente para continuar pagando meu empréstimo.

Não é o suficiente para eu poder me apoiar.

Não.

Alerta máximo é precisamente com o que estamos lidando — guerra nuclear.

— Você não estava mesmo ganhando muito, não é? — Kelsey pergunta.

— Não, eu não estava. — Pressiono a mão na testa, sentindo a severidade da minha situação começar a realmente me abater. — Odeio admitir, mas acho que tenho que começar a fazer strip-tease.

— O quê?

— Sim, strip-tease. Já vi o quanto as garotas que fazem isso ganham. Elas faturam uma grana. — Puxo a gola da camiseta e espio meu corpo. — Tenho peitos bonitos, talvez um pouco menores do que algumas pessoas preferem, mas os caras gostam disso, não é? Eles são empinados e durinhos. E eu sei... me balançar quando toca uma música.

— Boates de strip-tease não estão procurando pessoas que se balancem ao som de Taylor Swift, elas querem que você rebole. Você sabe rebolar?

— Nunca é tarde para aprender algo novo. Rebolar é só ficar impulsionando a pélvis, não é? Vamos pesquisar algumas boates de strip-tease e, sabe, dar uma analisada na competição. Ver o que está fazendo os pênis de Hollywood levantarem, ultimamente.

— Eu sei o que não está fazendo isso, e é a dancinha dois para lá e dois para cá que você faz. Além disso, a mamãe te mataria. E você sabe que teria que dançar só de calcinha fio-dental e com os peitos de fora para todo mundo ver, não é?

Reviro os olhos.

— Eu sei o que strippers fazem. Não sou idiota. — Toco o queixo com o dedo. — Você acha que se eu colocasse um piercing no mamilo, aumentaria as minhas chances?

Kelsey realmente pensa sobre o caso.

— Talvez... espere, não. — Ela sacode a cabeça. — Você não vai ser uma stripper. Tem que haver uma ideia melhor do que expor homens à sua dancinha dois para lá e dois para cá com os peitos de fora. — Ela se levanta e estende a mão, me ajudando a levantar também, e diz: — Vamos dar uma volta. O ar fresco vai ajudar a clarear as nossas mentes. Beber é sempre uma boa ideia para esquecer, mas não podemos esquecer, porque estamos em modo alerta máximo agora. Precisamos de ideias, não de tristezas.

— Está dizendo que não tenho permissão para sofrer?

Ela balança a cabeça novamente.

— Não. Não temos tempo para chafurdar em sofrimento. A menos que você esteja pronta para contar à mamãe...

— De jeito nenhum.

— Então, pegue os seus sapatos, porque precisamos pensar.

Sem me dar ao trabalho de pegar um par de tênis, calço minhas sandálias, saímos da casa e trancamos a porta. Kelsey atravessa a rua e vira à direita.

— Você quer andar pelo The Flats? — sugiro. — Está querendo me deixar deprimida?

— Estar rodeada de casas ricas e trabalhadas pode ser exatamente do que você precisa. Inspiração.

Arrastando os pés, eu a sigo, e começamos a caminhar pela vizinhança com as casas mais trabalhadas e ornamentadas de Los Angeles. As calçadas são imaculadas, sem uma rachadura sequer no cimento, e os gramados são tão impecavelmente aparados que, com uma olhada rápida, pode ser confundido com grama sintética de tanta perfeição. Um misto de palmeiras e antigos carvalhos delinea as ruas, enquanto arbustos em cascata e portões de ferro forjado protegem as residências dos ricos.

— Isso é deprimente — digo, fazendo menção de dar meia-volta e sair dali.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um encontro nada romântico" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).